E VÓS, QUEM DIZEIS QUE EU SOU?

*Clemildo Anacleto da Silva**

*Sydney Farias da Silva***

Resumo

Este texto pretende discutir duas ideias: 1) Se queremos conhecer o outro precisamos saber o que ele diz de si mesmo. Quando descrevemos o outro a partir das nossas convicções corremos o risco de enquadrá-lo naquilo que queremos que ele seja e não no que representa de fato. 2) A novidade trazida por Jesus não se encontra no rompimento, no afastamento ou na negação do outro. A novidade se expressa na convivência, na tolerância e no respeito à diversidade.

Palavras-chave: *Tolerância. Diversidade. Identidade.*

Abstract

This text discusses two ideas: 1) If we want to know the other we need to know what he says about himself. When we describe the other from our convictions we run the risk of proving a framework as what we want him to be, not what he actually is. 2) The innovation brought by Jesus is not in the rupture, distance or denial of the other. The innovation is expressed in coexistence, tolerance and respect for diversity.

Keywords: *Tolerance. Diversity. Identity.*

Introdução

Em geral, os autores quando comentam sobre esse texto bíblico, dão ênfase na confissão de Pedro, procurando demonstrar nesta resposta um traço da confissão de fé da comunidade. Nesta reflexão procuraremos destacar apenas as perguntas feitas por Jesus. Queremos discutir duas questões: o que significa dizer que Jesus é Cristo? Qual é a impressão que fazemos dos outros? Em muitas ocasiões descrevemos quem são os outros, mas na maioria das vezes essas impressões não correspondem à realidade. Por esse motivo, criamos preconceitos,

* Doutor em Ciências da Religião, com mestrado em Educação e Licenciatura em Filosofia. Coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Intolerância Religiosa, Educação e Direitos Humanos. Professor do Programa de Pós-graduação do Centro Universitário Metodista – IPA de Porto Alegre.

** Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia em São Leopoldo, RS.

discriminações e barreiras. É necessário conhecer o outro a partir de sua própria descrição. O conhecimento do outro por si mesmo não traz aproximação. Faz-se necessário uma postura de abertura, acolhimento e respeito.

Texto: Marcos 8,27-30¹

27. Jesus saiu com seus discípulos para as aldeias de Cesareia de Filipe. No caminho, perguntou aos seus discípulos, dizendo-lhes: “Quem os homens dizem que eu sou?”

28. Eles, então, disseram-lhe: “João Batista; outros Elias; outros ainda, um dos profetas”.

29. E ele lhes perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Respondendo, Pedro lhe disse: “Tu és o Cristo”.

30. Então, repreendeu-os para que a ninguém dissessem nada a seu respeito.

Crítica Literária

Marcos 8,27-30 ²	Mateus 16,13-20	Lucas 9,18-21
27. Jesus saiu com seus discípulos para as aldeias de <u>Cesareia de Filipe</u> . No caminho, perguntou <u>aos seus discípulos</u> , dizendo-lhes: “ <u>Quem os homens dizem que eu sou?</u> ”	13. Chegando, então, às regiões de <u>Cesareia de Filipe</u> , Jesus perguntou ao <u>seus discípulos</u> , dizendo: <u>Quem os homens dizem que o Fi-lho do Homem é?</u>	18. E aconteceu que, enquanto Jesus estava rezando sozinho , <u>seus discípulos</u> estavam com ele, e ele lhes perguntou, dizendo: <u>Quem as multidões dizem que eu sou?</u>
28. <u>Eles, então, disseram-lhe</u> : “João Batista; outros Elias; outros ainda, um dos profetas”.	14. <u>Eles então disseram</u> : Alguns João Batista; outros, Elias; outros ainda, Jeremias ou um dos profetas.	19. <u>Eles, então, respondendo, disseram</u> : João Batista; e outros, Elias; outros ainda, que um dos antigos profetas ressurgiu .
29. E ele lhes perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” <u>Respondendo, Pedro lhe disse</u> : “Tu és o Cristo”.	15. Ele lhes disse: <u>E vós, quem dizeis que eu sou?</u>	20. Mas ele lhes disse: <u>E vós, quem dizeis que eu sou?</u> <u>Pedro, então, respondendo, disse</u> : O Cristo de Deus!
	16. <u>Respondendo, então, Simão Pedro disse</u> : Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo .	

1. Estamos utilizando a tradução realizada por: SILVA, Cássio Murilo Dias; RABUSKE, Irineu J. *Evangelho e Atos dos Apóstolos*. Novíssima tradução dos originais. São Paulo: Loyola, 2011.

2. Tradução realizada por: SILVA, Cássio Murilo Dias; RABUSKE, Irineu J. *Evangelho e Atos dos Apóstolos*, 2011.

Marcos 8,27-30	Mateus 16,13-20	Lucas 9,18-21
30. Então, <u>repreendeu-os para que a ninguém dissessem nada a seu respeito.</u>	17. Mas, respondendo, Jesus lhe disse: Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque a carne e o sangue não te revelaram isso, e sim meu Pai que está nos céus! 18. Mas eu então te digo: Tu és Pedro e sobre esta rocha edificarei a minha Igreja, e as portas da mansão dos mortos não prevalecerão sobre ela. 19. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: o que porventura ligares na terra estará ligado nos céus, e o que porventura desligares na terra estará desligado nos céus. 20. Então recomendou aos seus discípulos que a ninguém dissessem que ele era o Cristo.	21. <u>Então, repreendendo-os, ordenou que a ninguém dissessem isso.</u>

O núcleo comum da história mostra que Jesus faz uma pergunta para os seus discípulos procurando descobrir o que as pessoas dizem acerca dele (Quem dizem que eu sou?). A resposta a esta pergunta se apresenta de forma semelhante nos três evangelhos: “João Batista, Elias ou um dos profetas”. Em seguida Jesus faz outra pergunta querendo saber o que os discípulos pensam a respeito dele. A pergunta aparece de forma igual nos três evangelhos: “E vós, quem dizeis que eu sou? O texto também é unânime em afirmar que Pedro respondeu: “Tu és o Cristo”. E finalmente Jesus pede para que “não dissessem isso a ninguém”. Como foi mencionado, esse é o núcleo comum nos três evangelhos. A partir daí temos também as variações ou informações comuns a dois evangelhos ou a apenas um deles.

Vejamos então quais são essas variações e diferenças. Somente Mateus traz a resposta de Jesus a Pedro, fazendo uma longa consideração sobre ele. Diz que a resposta dada por Pedro, na verdade é resultado de uma revelação divina. Afirma que ele é uma rocha sobre a qual a igreja seria edificada. Afirma ainda que tem as chaves do Reino e poder para ligar e desligar o que quiser aqui na terra, uma vez que teria a aprovação dos poderes celestiais.

Quanto à localização na qual os discípulos estavam quando foi feita a pergunta, Marcos diz que estavam saindo para Cesareia de Filipe, Mateus afirma que estavam chegando em Cesareia de Filipe e Lucas apenas diz que Jesus estava rezando ou orando com seus discípulos. Em relação à primeira pergunta também existem algumas divergências. Mateus e Marcos querem saber o que “os homens” dizem, enquanto Lucas quer saber a resposta da “multidão”. Mas há ainda uma outra questão. Enquanto Marcos e Lucas querem saber o que os homens ou a multidão pensam acerca de Jesus, Mateus introduz em sua pergunta um título, ou seja, o que os homens dizem acerca do “Filho do Homem”. A resposta a esta pergunta tem um núcleo comum, porém Mateus acrescenta o profeta Jeremias.

É provável que a expressão “o que os homens dizem que eu sou” esteja se referindo às autoridades políticas e religiosas de Jerusalém. Os escribas e fariseus haviam descido de Jerusalém (Mc 7,1) para ver de perto quem era Jesus e o que ele fazia. Para os escribas Jesus era um filho de Belzebu (Mc 3,22). Chegaram também aos ouvidos de Herodes as histórias a respeito de Jesus (Mc 6,14), uma vez que seu nome se tornava notório e alguns já diziam que ele era João Batista, Elias ou um dos profetas. Parece-nos que Marcos está mais preocupado com a opinião das autoridades. Ele deixa muito claro qual era a intenção dos fariseus e herodianos. Após Jesus ter curado um em uma sinagoga, o evangelista informa que “os fariseus imediatamente deliberaram com os herodianos contra ele, a fim de destruí-lo (Mc 3,1-6; 11,18). Embora o evangelho de Marcos mencione várias vezes que Jesus estava acompanhado pela “multidão”, é o evangelho de Lucas que faz a pergunta para a multidão. “O que as multidões dizem que eu sou”? Como vimos, a resposta a essa pergunta já havia sido apresentada para Herodes (Mc 6,15).

Quando Jesus faz a segunda pergunta, desta vez buscando saber o que os discípulos pensam a seu respeito, a primeira parte da resposta se apresenta de forma comum a todos (Tu és o Cristo), porém na segunda parte Mateus acrescenta que Jesus é o “Cristo filho de Deus vivo” e Lucas afirma que é “o Cristo de Deus”. No final do texto os evangelistas Marcos, Mateus e Lucas são enfáticos: Jesus repreendeu, recomendou e ordenou que não dissessem nada a seu respeito, ou, como diz o evangelista Mateus, que ele não era o Cristo.

É estranha essa ênfase para que não se contasse nada a respeito de Jesus. Desde o primeiro capítulo, Marcos mostra que a atividade de Jesus na Galileia envolvia multidões, inclusive sua fama já havia se espalhado por toda a vizinhança (Mc 1,28). Mas é verdade também que ainda no primeiro capítulo, após curar um leproso, Jesus o adverte com severidade: “Não digas nada a ninguém” (Mc 1,44). No capítulo cinco acontece o contrário. Após livrar um homem de um espírito impuro, Jesus recomenda: “vai para tua casa, para junto dos teus, e conta a eles o que o Senhor te fez e como teve misericórdia de ti” (Mc 5,19). Nesse mesmo capítulo, Jesus cura a filha de Jairo, e diante da admiração da multidão Jesus ordena que “ninguém tomasse conhecimento” (Mc 5,43).

Creemos que o Evangelho de João, embora não fazendo parte dos sinóticos, poderá nos ajudar nesta questão. Se levarmos em consideração a localização geográfica, o público a quem Jesus estava se dirigindo e os assuntos abordados, verificaremos que o evangelho de João nos capítulos 6 e 7 aborda o mesmo assunto, trazendo à tona as mesmas preocupações abordadas em nossos textos sinóticos.

Nos capítulos 6 e 7 do evangelho de João, Jesus aparece na Galileia. João também levanta o mesmo problema a respeito da identidade de Jesus. Os judeus estavam confusos, querendo saber quem era Jesus (Jo 6,41). Também muitos dos seus discípulos o haviam abandonado (Jo 6,66). Talvez alguns discípulos abandonaram o movimento com medo da reação das autoridades judaicas ou porque Jesus não correspondeu às suas expectativas. É provável também que o pedido para manter o silêncio a respeito do movimento deu-se pelo fato de que Jesus tinha consciência de que sua mensagem não estava sendo bem-vista ou aceita pelas autoridades em Jerusalém.

Quando seus irmãos sugerem que ele não se esconda, mas apareça publicamente, Jesus argumenta que ele é alvo do ódio do “mundo” (Jo 7,1-9). Ele sabia do perigo que corria, visto que alguns diziam: Não é este aquele a quem procuram matar (Jo 7,25.30.32)? Da mesma forma que nos evangelhos sinóticos, João demonstra que o povo o reconhecia como profeta e Cristo (Jo 7,40). Inclusive também há uma declaração de Pedro afirmando: “Tu és o Santo de Deus” (Jo 6,69). Porém, o evangelista informa que havia uma divisão entre o povo, os discípulos e as autoridades acerca do verdadeiro objetivo do movimento de Jesus. “Uns diziam: ele é bom! Mas outros diziam: Não! Ao contrário, ele engana a multidão” (Jo 7,12). Diante disso, e da provável perseguição que já estava acontecendo, ninguém queria mais falar em público a seu respeito, por medo dos judeus (Jo 7,13). Creemos, portanto, que isso explica o pedido para se manter em silêncio.

Contexto Maior

O Evangelho de Marcos deve ter sido escrito, segundo Myers², antes do ano 70 na Galileia. Ainda segundo este autor, há dois indícios que nos levam a pensar nesta direção: Primeiro a forte crítica que Marcos faz ao templo indica que o templo ainda estava de pé. Segundo que os escritos de Marcos demonstram que os grupos revolucionários populares ainda estavam atuando. Kümmel sustenta o mesmo argumento quando afirma que Marcos está se “dirigindo aos cristãos provenientes da gentilidade, que não têm mais ligação com Jerusalém”³.

2. MYERS, Ched. *O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

3. KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982, p.104.

Flávio Josefo descreve a Galileia como sendo um lugar muito povoado, com cidades e vilas/aldeias. Composta de um povo valente e uma terra muito fértil. Diz ele:

Embora essas duas províncias (Alta e Baixa Galileia) estejam rodeadas de tantas e tão diversas nações, todavia, elas sempre lhes resistiram em todas as suas guerras, porque, além de serem muito populosas, seus habitantes são muito valentes e instruídos, desde a infância, na arte da guerra. As terras são tão férteis e tão bem plantadas com toda espécie de árvores, que sua abundância convida a cultivá-las mesmo aqueles que têm pouca inclinação para a lavoura e não há terras inúteis⁴.

No entanto, sabemos que era uma região conhecida e até mesmo denominada de Galileia dos gentios (Is 9,1). Ao que nos parece esse nome revela a composição do povo que habitava essa região. Eram pessoas de diferentes etnias, viviam nas montanhas e estavam fora da estrutura das cidades que dominavam a área. A Galileia era uma terra de povos miscigenados, com culturas diferentes. Os Judeus denominavam a Galileia de “terra dos gentios”. Assim sendo, não podemos dizer que Jerusalém, Samaria e Galileia compartilhassem de uma cultura judaica comum⁵.

Geograficamente, a Galileia não era tão grande. Era dividida em Alta e Baixa Galileia. Sua economia estava baseada na agricultura. Os camponeses não tinham grandes propriedades e, além do mais, suas terras muito mal davam para a subsistência, devido às taxas. Portanto, a comunidade de Marcos habita esse contexto. Provavelmente era composta de trabalhadores do campo, pescadores e artesãos. Pessoas simples. Marginalizadas devido a sua origem, sotaque e prática religiosa⁶.

Contexto Menor

De acordo com Myers⁷, a segunda parte do Evangelho de Marcos vai de 8,22 a 16,8. Nesse bloco Jesus ainda se encontra na Galileia, mas a partir do capítulo 10 se desloca para Jerusalém. Muitos autores sugerem que nesse bloco a ênfase dos textos recai na preparação ou formação dos discípulos, nos conflitos e incompreensão com Jerusalém e os critérios e instruções acerca do Reino de

4. JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1990, p. 91.

5. FREYNE, Séan. *A Galileia Jesus e os Evangelhos: Enfoques literários e investigação histórica*. São Paulo: Loyola 1996.

6. HORSLEY, Richard A. *Galilee, History Politics People*. Valley Forge: Trinity Press International, 1995.

7. MYERS, Ched, 1992, p. 149.

Deus. Ao delimitar ainda mais esse bloco Myers situa o texto de Marcos 8,27-30 no conjunto que compreende um grupo de textos que vai de 8,22–9,30⁸.

Ainda de acordo com Myers a primeira parte do evangelho corresponde a 6,1–8,21. Nesse bloco Myers constata que a pregação de Jesus já havia criado alguns conflitos com os fariseus e com Herodes. Portanto, para ele, o assunto que domina esse bloco são os conflitos que Jesus estabelece com alguns grupos. Jesus chama atenção da comunidade para ter cuidado com o fermento dos fariseus e o fermento dos Herodes (8,15)⁹. Suas pregações acerca do Reino de Deus e do arrependimento já haviam gerado três ações de rejeição: “Pela sua cidade natal, os apóstolos missionários pelas famílias que não quiseram hospedá-los e, sobretudo, o “fermento de Herodes”, cujo desfecho é o assassinio de João Batista¹⁰.

Segundo Balancin¹¹, “o Evangelho de Marcos foi escrito para responder a seguinte pergunta: Quem é Jesus? Nesse sentido, esse Evangelho teria uma função instrutiva e formativa”. Não é por acaso que este autor coloca o texto 8,27-30 dentro de um contexto que ele denominou de “formação dos discípulos”, que segundo ele vai de 8,22 até o versículo 38.

Assim sendo, de acordo com esta visão, a intenção do evangelho era manifestar a mensagem de Jesus e sua verdadeira identidade a uma comunidade bastante perturbada. “Ninguém tinha uma ideia clara quanto ao mistério da identidade de Jesus, exceto os leitores a quem foi dito no prólogo que Jesus é o Messias”¹².

Malloney divide a segunda parte do evangelho a partir de 8,27 a 10,52. Nesse bloco, segundo ele, “Jesus intensifica seu ensinamento para um grupo de discípulos e profere quatro discursos sobre o Reino de Deus. Parece que o evangelista quer deixar claro o que é ser discípulo de Jesus”¹³. Collins e Tolbert¹⁴ afirmam que esse bloco apresenta o tema da morte e sofrimento, enquanto 8,27 a 9,1 anuncia que Jesus é o Messias¹⁵.

8. MYERS, Ched, 1992, p. 312.

9. MYERS, Ched, 1992, p. 260.

10. MYERS, Ched, 1992, p. 260.

11. BALANCIN, Euclides Martins. *Como ler o Evangelho de Marcos. Quem é Jesus?* São Paulo: Paulus, 1991, p. 109.

12. MALLONEY, Elliot C. *Mensagem urgente de Jesus para hoje. O Reino de Deus no Evangelho de Marcos.* São Paulo: Paulinas, 2008, p. 18.

13. MALLONEY, Elliot C, 2008, p. 61.

14. TOLBERT, Mary Ann. *Sowing the Gospel. Mark's world in literary-historical perspective.* Minneapolis: Fort Press, 1984, p. 187.

15. COLLINS, Adela Yarbo. *The Beginning of the Gospel. Probing of Mark in context.* Minneapolis: Augsburg Fort Press, 1984, p. 62.

O texto que estamos analisando tem relação com as narrativas posteriores e anteriores. Apresenta-se como um divisor. No texto anterior (8,15) há uma advertência para que a comunidade tome cuidado com o fermento dos fariseus e de Herodes. A ideologia desses grupos tem o poder de influenciar a massa e fazer com que o seu pensamento possa se espalhar de forma muito rápida. A ideologia do poder faz com que a realidade apareça bela e atrativa. Mas também tem o poder de insuflar a massa, espalhando boatos e inverdades. O texto de 8,22-26 relata a cura de um cego e a ordem para que não entrasse no povoado. Essa ordem pode significar o mesmo pedido que Jesus costumava fazer ao curar alguém: “Não conte nada a ninguém”. As curas e milagres podem ter influenciado nas respostas em que Jesus é apresentado como um dos profetas (Elias, João Batista). No texto posterior (8,31–9,1) predomina o tema da perseguição, sofrimento e da decisão firme para quem deseja fazer parte do movimento. O Messias se revelou e agora todos sabem quem é ele e qual o seu projeto.

O movimento de Jesus já havia criado algumas tensões nas várias localidades por onde passou. As tensões não se restringiram somente ao grupo de seus discípulos, pelo contrário, gerou preocupação na liderança político-religiosa. A comunidade já havia experimentado, ouvido e visto o que os seus inimigos eram capazes de fazer. Herodes mesmo faz questão de lembrar que ele havia mandado matar o profeta João Batista (Mc 6,16).

Diante do crescimento do movimento de Jesus e das tensões e conflitos gerados, era de se esperar que a comunidade apresentasse dúvidas sobre a identidade de Jesus e seu movimento. Na segunda parte do evangelho, o evangelista vai se encarregar de dar essa resposta.

Diante desse processo de indecisões a respeito da identidade de um grupo criam-se expectativas. É possível também que houvesse um movimento deliberado para desqualificar Jesus e desacreditar suas propostas. É provável que o movimento de Jesus tenha sido difamado e malcompreendido. Mas é possível pensar também que em muitas ocasiões os que exercem o poder político e religioso sobre o povo, não querendo perder essa hegemonia e constatando o crescimento e popularidade, lançam intencionalmente não somente uma perseguição, mas um processo de desmoralização. Parece que falar mal do movimento se constituiu em uma prática, visto que em 9,39 Jesus afirma que “não há ninguém que faça um milagre em meu nome e logo depois possa falar mal de mim”.

Nesse sentido, a imagem que os adversários querem passar é a de que Jesus e Belzebu são idênticos (Mc 3,22-23). Afirmam que Jesus se relaciona com pecadores, que não segue as determinações da religiosidade no que se refere à pureza (Mc 7,1-22), que é contra o templo e que deseja tomar o poder (Mc 11,12-19), se igualando desta forma à linhagem real de Davi. Se essa imagem correspondia à verdade, então seus inimigos de fato tinham um motivo para declará-lo inimigo e proclamar seu banimento. Portanto, diante disso, a pergunta: “Quem vocês dizem que eu sou”, torna-se crucial.

O que dizem sobre mim?

A principal questão desse texto é a seguinte: Quem os homens/multidões dizem que eu sou? Nos dias atuais quando se lança uma novidade ou uma nova mercadoria procura-se saber e conhecer a opinião da população sobre aquele novo produto, a fim de se ter uma ideia de como foi sua receptividade. Nesse sentido, costuma-se perguntar: o que a opinião pública achou do produto? Dependendo da receptividade, o produto continua no mercado ou se faz alguns ajustes para atender as necessidades dos clientes.

No caso do movimento de Jesus não era essa a intenção que o levou a lançar a pergunta. Ele não se coloca como um produto. Embora, muitos grupos religiosos atualmente estejam utilizando desse artifício, ou seja, moldam Jesus e sua mensagem ao gosto do mercado e dos clientes. Jesus faz a pergunta interessado em saber o que as pessoas, o povo, a multidão e os líderes pensam a seu respeito e consequentemente a respeito de seu movimento. Mesmo porque, seja no modo linear ou ocasional, Jesus ofereceu ao grupo mais íntimo e à multidão uma identidade decididamente identificada com algo que dava sentido a tudo que dizia e fazia. Não é sem razão que Jesus usa um cognome para falar de si mesmo: Filho do Homem.

As lideranças que representam o poder e a hegemonia sempre estão interessadas pela legalidade da ação ou do grupo. Para estes não basta ter reconhecimento popular, é necessário ter a autorização da lei ou do Estado. Sumo sacerdote, escribas e anciãos perguntam para Jesus: “Com que autoridade fazes isso, ou quem te deu tal autoridade para fazeres isso?” (Mc 11,28). Nesse caso, o outro somente se torna legítimo se for legitimado pela voz do grupo religioso oficial e hegemônico ou pelo poder político. Acontece que muitas vezes a descrição que se faz do outro nem sempre corresponde ao que de fato ele é. Principalmente quando se tem a intenção de demonizá-lo.

Por muito tempo, estivemos preocupados em descrever o outro. No entanto, nossa descrição nem sempre resulta numa descrição real. Muitas vezes a preocupação em conhecer o outro não tem como finalidade estabelecer aproximações, fazer amizade ou simplesmente conhecer. Em muitos casos, procura-se conhecer o outro com o intuito de combatê-lo.

No caso de Jesus, e na visão de Marcos, Jesus transita em meio à diversidade de pessoas, de grupos e de instituições. Esse evangelista coloca Jesus diante de pessoas diferentes, com expectativas diferentes em relação ao pessoal, social e religioso. Ele se identifica com um modo de ser, que é o modo de um tempo e de uma pessoa. Não age de modo pacifista. Sabe que provoca conflitos, mas ainda assim tenta a construção do projeto do reino de Deus, que a seu modo permite a aproximação e a comunhão. Ele faz declarações sobre pessoas, sobre que opinião tem delas, mas procura as inserir na realidade que anuncia e oferece a todos.

Para conhecer é necessário ouvir o que o outro diz sobre si mesmo. Conhecer algo mediado pela descrição dos outros em geral não leva ao conhecimento. Às vezes criam-se visões distorcidas da realidade. Na história da América Latina os povos ameríndios, os negros, as mulheres, os ateus, os pobres e outros grupos tiveram sua imagem descrita por outros. Na maioria das vezes a imagem retratada não condizia com a realidade. Todos esses grupos ficaram marcados por adjetivos como: violentos, preguiçosos, incapazes, inferiores, não civilizados, sem moral, sem religião e muitos outros termos.

Jesus mostrou-se disponível para ouvir e para falar. Conviveu com um preconceito forte que classifica a ele e aos seus com inferioridade. Nada significa ser galileu, a menos que esses galileus ameacem o poder. O preconceito é resultante do poder. É o poder, e não a necessidade, que constrói estigmas com a finalidade excludente. A necessidade procura a comunhão! O ouvir o outro requer abertura para compartilhar o poder com esse outro. Uma comunidade interiorana ouviu Jesus, mas não reconheceu nada nele senão ameaça e o levou aos penhascos para matá-lo. Enquanto, do ponto de vista de Jesus, ouvir o outro significava abrir o coração, acolher para conhecer e conhecer para amar e servir.

A pergunta feita por Jesus não se constitui em uma pergunta antropológica ou filosófica. Esse questionamento não é resultado de alguém que está em crise com sua identidade. É uma pergunta a respeito de um movimento. É uma tentativa de colher impressões. Na sociedade atual estamos sempre descrevendo o outro ou representando-o de alguma forma. No tempo de Jesus isso também não era diferente.

Dizer que Jesus era o Cristo representava uma novidade?

Qual era a novidade trazida pelo movimento de Jesus que causava incômodo às autoridades religiosas e políticas de Jerusalém? Em Mc 1,27 o evangelista afirma que Jesus apresenta um “ensino novo com autoridade”. Qual seria essa novidade que surgiu dentro do judaísmo do primeiro século? A resposta de Pedro diz que Jesus é o Cristo. Vê-se que Mateus mostra bem que Pedro faz um enquadramento de Jesus a uma moldura de poder excludente. Para ele, Jesus representa a vitória de um mediante a derrota de outro, com privilégios para pessoas e instituições. Há no Evangelho de Marcos um segredo que envolve a pessoa de Jesus que não é percebido por aqueles que não mudam seu modo de ver e de entender o outro ser humano. Qual seria a novidade de um Jesus como Cristo? Qual foi a novidade para a comunidade daqueles dias e qual a novidade para a sociedade atual? O que significa apresentar Jesus como o Cristo? O que dizem sobre Jesus hoje?

A sociedade brasileira tem experimentado e convivido com um grande número de movimentos religiosos que se apresentam como novas expressões do cristianismo. Será que realmente são novas expressões ou velhas formas

de experiências religiosas? Em relação à composição religiosa da sociedade brasileira, o resultado do Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010 demonstrou que ainda existe uma hegemonia do cristianismo, porém informa também que a nossa sociedade se caracteriza por sua diversidade religiosa.

Jesus se mostra uma outra pessoa. Sua utopia passa necessariamente por um compromisso de missão e por uma experiência de fé, que correm por fora do sistema religioso. Ele não bate na tecla do seu messianismo, mas na tecla do messianismo do Reino de Deus, onde as coisas funcionam de outro modo, produzindo fraternidade e solidariedade.

Se levarmos em consideração a pluralidade e diversidade do campo religioso brasileiro, bem como as várias concepções culturais, será que continuar apresentando Cristo como a única via, o único caminho ou única verdade se constitui em novidade? O judaísmo do primeiro século não admitia outra possibilidade ou interpretação que não tivesse origem na posição oficial. Parece-nos que a novidade não se encontra no rompimento, no afastamento ou na negação do outro. A novidade se expressa na convivência e no respeito. O novo é a tolerância e o respeito à diversidade. Por muito tempo fomos acostumados a aceitar a intolerância como ação normal. O que vemos em Marcos, quando Jesus vai ao templo, é que ele propõe um templo para todas as nações, um Deus que está de aliança, não especificamente com uma religião e com um templo, mas com a humanidade, e a todos está disposto a ouvir na “casa de oração” de “todas as nações”!

O perigo de construir uma imagem distorcida do outro

Todas as culturas e religiões podem lançar mão da pergunta de Jesus e indagar ao outro: O que vocês dizem que eu sou? O que a sociedade ou as pessoas dizem que eu sou? As religiões de matriz africana, os cristãos, os budistas, os islâmicos, os hinduístas, os ateus, os negros, os índios, os homoafetivos etc., todos podem fazer a mesma pergunta. Quais são as respostas quando lançamos a pergunta em relação a estes grupos citados acima? Algumas nós já conhecemos: são demônios, são inimigos, são profetas, pacifistas, alienados, malucos, violentos, terroristas etc.

No caso da pergunta feita por Jesus, não houve resposta considerada negativa. Mas em outras ocasiões Jesus já havia sido descrito como amigo dos pecadores e publicanos, alguém que estava possuído por Belzebu ou fora de si (Mc 3,21). Quando construímos a imagem do outro, corremos o risco de criarmos uma imagem deturpada e que, portanto, não corresponde à realidade. Às vezes construímos a imagem do outro de acordo com nossas crenças e convicções. Nesse caso, tudo aquilo que não encaixar em nossa convicção pode ser interpretado como demoníaco, maléfico, pecado etc.

Os discípulos naquele momento representavam a comunidade, por isso, podemos imaginar que a pergunta foi dirigida à comunidade, à coletividade, ao grupo (e vós, e vocês). Não foi feita a uma pessoa específica, embora a resposta tenha sido dada por uma pessoa específica, Pedro. A resposta de Pedro pode ter sido elaborada mais tarde pela comunidade, transformando-se em uma confissão de fé ou defesa de uma cristologia. Em todo caso, nos três textos, retirando os acréscimos, Jesus é apresentado como o Cristo (Tu és o Cristo).

Será que se tratava de uma confissão de fé? Enquanto Herodes e a multidão achavam que o movimento de Jesus se parecia com o movimento de João Batista ou um movimento profético, a comunidade afirmava que Jesus era o Cristo. A preocupação de Herodes não era que Jesus se assemelhasse aos profetas do Antigo Testamento. Provavelmente Herodes estava preocupado com os movimentos proféticos que surgiram nesse período, descritos pelo historiador Flávio Josefo de maneira muito pejorativa. Segundo Josefo, esses movimentos “trabalhavam no sentido de provocar destruição e levante, procurando arrastar o povo ao fanatismo religioso [...] através de sinais milagrosos”¹⁶. Além do mais, as autoridades judaicas não acreditavam que da Galileia pudesse sair algum profeta (Jo 7,41-42; 1,46). Ao mesmo tempo, havia a crença de que “o profeta Elias, que exerceu suas atividades no Reino do Norte de Israel, seria o precursor do messias [...]. Acreditava-se que havia dois libertadores: Elias da Tribo de Levi e o messias da Casa de Davi”¹⁷.

Como já foi mencionado, Marcos está constantemente querendo responder à pergunta: Quem é Jesus? Ou Quem é este? De acordo com Myers “é uma pergunta que é feita constantemente pelo evangelista Marcos. Essa posição do texto pode querer indicar a relação com Moisés, o libertador do povo Hebreu e que fez a pergunta semelhante sobre Javé”¹⁸.

Vale salientar que a pergunta é: Quem eu sou e não o que eu sou? A indagação pelo “o que eu sou” nos leva a pensar em conceito, em definição ou buscar a essência de algo. Geralmente a resposta para “quem eu sou” se dá pela função, atividade ou missão que a pessoa exerce (mestre, sábio, soldado, escravo, político etc.). No caso de Jesus, afirmar que ele é o Cristo indica que ele exerce esta função. Ou será que Cristo é algo que faz parte da essência dele? Parece-nos que nesse caso Cristo é uma função. Da mesma forma que profeta, sacerdote e outros.

A interferência desse Cristo significa também que a história somente tem sentido se existir um futuro pelo qual vale a pena lutar. É necessário haver uma

16. THEISSEN, Gerd. *Sociologia da Cristandade Primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 75.

17. BIETENHARD, H. Elias. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 36.

18. MYERS, Ched. 1992, p. 294.

motivação. Saber “quem eu sou”, ou quem é a comunidade, projeta um futuro que deve ser construído e alcançado. Esse é o sentido. Nesse aspecto, podemos afirmar que Jesus transcende o próprio eu em direção a outras coisas diversas dele próprio.

Na atualidade, muitos grupos religiosos constroem suas imagens sobre a exaltação do eu e do(a) líder carismático(a), no qual concentra todo o poder. Jesus, ao contrário, “A ele não interessa dizer coisas esotéricas e incompreensíveis, nem a todo custo novas. [...] Ele traz à luz aquilo que os homens sempre sabiam ou deveriam saber e que, por causa de sua alienação, não chegaram a ver, compreender e formular”¹⁹.

Considerações finais

A pesquisa bíblica tem procurado desvendar quem é Jesus. A resposta a essa pergunta varia conforme a linha ideológica do pesquisador ou aquilo que se quer defender no momento (Jesus sábio, negro, feminista, curandeiro, filósofo, poeta, comunista, Filho de Deus, Cristo, revolucionário).

O que leva o movimento de Jesus a ser perseguido pelas autoridades é o fato de Jesus se apresentar como o Cristo e realizar uma interpretação da lei que desobriga o povo de cumprir certos preceitos considerados opressivos. Nesse sentido, Cristo representa alguém que propõe mudanças internas no ser humano, mudanças no que se refere à interpretação da lei e mudanças nas relações sociais.

A pergunta não foi realizada com a intenção de revelar nem a autoridade de Jesus nem a de Pedro, e sim a proposta do projeto. Jesus será reconhecido pelo seu projeto. O projeto do Cristo. Nesse sentido, a mensagem do Cristo se constitui no novo quando comparado com a mensagem tradicional de algumas lideranças judaicas.

Se quisemos conhecer o outro precisamos saber o que ele diz de si mesmo. Como ele mesmo se descreve. Quando descrevemos o outro a partir das nossas convicções corremos o risco de querer que ele se enquadre naquilo que queremos que ele seja e não no que ele representa de fato. Percebemos que uma das causas da intolerância está no fato de descrevermos o outro de forma pejorativa ou discriminatória, com a finalidade de desacreditá-lo ou criar intencionalmente uma imagem deturpada.

Bibliografia

BALANCIN, Euclides Martins. *Como ler o Evangelho de Marcos*. Quem é Jesus? São Paulo: Paulus, 1991.

19. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988, p. 62.

- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- COLLINS, Adela Yarbo. *The Beginning of the Gospel*. Probing of Mark in context. Minneapolis: Augsburg Fort Press, 1984.
- Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1985.
- FREYNE, Séan. *A Galileia, Jesus e os Evangelhos: Enfoques literários e investigação histórica*. São Paulo: Loyola, 1996.
- HORSLEY, Richard A. *Galilee, History Politics People*. Valley Forge: Trinity Press International, 1995.
- JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.
- KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- MALLONEY, Elliot C. *Mensagem urgente de Jesus para hoje. O Reino de Deus no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- SILVA, Cássio Murilo Dias; RABUSKE, Irineu J. *Evangelho e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 2011.
- THEISSEN, Gerd. *Sociologia da Cristandade Primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- TOLBERT, Mary Ann. *Sowing the Gospel*. Mark's world in literary-historical perspective. Minneapolis: Fort Press, 1984.

Clemildo Anacleto da Silva
Rua Coronel Paulino Teixeira, 341. Apto. 15
90420-160 Porto Alegre, RS
clemildo_anaclet@uol.com.br

Sydney Farias da Silva
Rua Santa Cecília, 2129, apto. 501
90420-041 Porto Alegre, RS
sydneyfarias@yahoo.com.br